

CENTRO UNIVERSITÁRIO ÍTALO BRASILEIRO
CURSO DE LETRAS

ARIANE HERINGER TAVARES - ID 254283
BRUNA ALMEIDA PIVA - ID 254281
CAROLINA AMORIM ZANDONÁ - ID 254289
CAROLINA SANTOS SOUZA - ID 254279
CRISTIANE MARQUES E SILVA – ID 254351
ISABEL CRISEIDA PÉREZ YNOA – ID 254354
JOANA LUIZA RIBEIRO REMÍGIO REZENDE – ID 254287
KARINA LORRAYNE HERDY CORBICEIRO ZEBENDO - ID 254284
LORENA MELLO DA VEIGA LIMA - ID 254278
MARCELA RODRIGUES - ID 254325
MARÍA JESÚS GOMEZ PORCEL – ID 258249
MARIANA DE OLIVEIRA – ID 254285
PATRÍCIA VICTORIA JORGE VILLEGAS – ID 254274

**O POEMA “*DE BEATA VIRGINE DEI MATRE MARIA*”,
UM LEGADO LITERÁRIO DE ANCHIETA AO BRASIL**

SÃO PAULO

2022

ARIANE HERINGER TAVARES - ID 254283
BRUNA ALMEIDA PIVA - ID 254281
CAROLINA AMORIM ZANDONÁ - ID 254289
CAROLINA SANTOS SOUZA - ID 254279
CRISTIANE MARQUES E SILVA – ID 254351
ISABEL CRISEIDA PÉREZ YNOA – ID 254354
JOANA LUIZA RIBEIRO REMÍGIO REZENDE – ID 254287
KARINA LORRAYNE HERDY CORBICEIRO ZEBENDO - ID 254284
LORENA MELLO DA VEIGA LIMA - ID 254278
MARCELA RODRIGUES - ID 254325
MARÍA JESÚS GOMEZ PORCEL – ID 258249
MARIANA DE OLIVEIRA – ID 254285
PATRÍCIA VICTORIA JORGE VILLEGAS – ID 254274

**O POEMA “*DE BEATA VIRGINE DEI MATRE MARIA*”,
UM LEGADO LITERÁRIO DE ANCHIETA AO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário Ítalo Brasileiro como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Letras, sob a orientação da Prof.^a Dra. Cátia Rodrigues.

SÃO PAULO

2022

*“Quando os olhos impuros fixam teu
semblante, tornam-se puros à luz do teu olhar”.*

(São José de Anchieta)

RESUMO

Os missionários jesuítas aportaram no Brasil no começo do século XVI e exerceram um profícuo apostolado de evangelização junto aos indígenas. Dentre os missionários da Companhia de Jesus, destaca-se São José de Anchieta, considerado o primeiro e principal tupinólogo e quem deitou especial empenho na catequização dos nativos. Durante sua atuação em terras brasileiras, muitas foram as obras que desenvolveu. O presente trabalho aborda uma delas, o poema *“De Beata Virgine Dei Matre Maria”*, constituído por quase seis mil versos em dísticos. É uma obra rica em intertextualidade, religiosidade e cultura, e, portanto, muito importante para a literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA. BRASIL. ANCHIETA. POEMA. VIRGEM MARIA.

ABSTRACT

The Jesuit missionaries arrived in Brazil at the beginning of the 16th century and carried out a fruitful apostolate of evangelization with the indigenous people. Among the missionaries of the Society of Jesus, Saint José de Anchieta stands out, considered the first and main tupinologist and who put a special effort in the catechization of the natives. While in Brazilian lands, he developed many literary works. The present work approaches one of them, the poem "*De Beata Virgine Dei Matre Maria*", which consists in almost six thousand verses in couplets. The work is rich in intertextuality, religiosity and culture, and, because of that, very important for the Brazilian literature.

KEYWORDS: LITERATURE. BRAZIL. ANCHIETA. POEM. VIRGIN MARY.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. O NASCIMENTO DA LITERATURA BRASILEIRA COM OS JESUÍTAS.....	7
3. A ESTATURA MORAL, INTELECTUAL E RELIGIOSA DE ANCHIETA.....	8
3.1 Vinda de Anchieta e sua atuação junto aos índios e ao Brasil.....	9
4. O POEMA “ <i>DE BEATA VIRGINE DEI MATRE MARIA</i> ”.....	10
4.1 Contexto em que foi composto.....	11
4.2 Aspectos do poema.....	12
4.2.1 Extensão do poema: um milagre da memória.....	12
4.2.2 Métrica.....	13
4.2.3 Intertextualidade.....	14
4.2.3.1 Mitologia e história cristã do Egito.....	14
4.2.3.2 Sagradas Escrituras.....	15
4.2.3.3 Autores Sacros.....	15
4.2.4 Aplicação ao contexto histórico e religioso da época.....	15
5. PERCEPÇÕES A RESPEITO DA OBRA.....	17
6. CONCLUSÃO.....	19
7. REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

A inteligência brasileira deve muito à atuação jesuíta, em especial ao Pe. José de Anchieta, proclamado Apóstolo do Brasil. Dentre as obras de realce desse sacerdote, renomado é o “Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus”, fruto de uma promessa feita pelo missionário em pleno exílio e prisão, sob as ameaças dos índios tamoios.

O poema, de quase seis mil versos, escrito originalmente em latim nas areias da praia de Iperoig, memorizado até o momento em que lhe foi possível passar ao papel, é uma obra-prima de devoção, catolicidade, literatura e genialidade.

Para discorrer sobre o tema, o trabalho constará de quatro seções.

A primeira delas discorrerá sobre o nascimento da literatura brasileira através dos missionários jesuítas e a atuação deles junto aos índios e aos primeiros habitantes do país.

Na segunda seção, procurar-se-á relevar a figura do Pe. José de Anchieta enquanto grande escritor, poeta, missionário, orador, professor e santo da Igreja Católica.

A terceira parte entrará na observação da obra anchietana “Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus”, sua contextualização e alguns de seus aspectos, como a métrica empregada pelo autor, a intensa intertextualidade presente nos dísticos, o que demonstra os profundos conhecimentos que o Pe. José possuía.

Por fim, a quarta seção dará lugar à percepção que alguns personagens tiveram a respeito da referida produção de Anchieta.

2. O NASCIMENTO DA LITERATURA BRASILEIRA COM OS JESUÍTAS

No dia 22 de abril de 1500, depois de longa travessia pelo Atlântico, as embarcações portuguesas avistaram uma nova terra. Os navegadores pensavam tratar-se de uma ilha e, por essa razão, nomearam-na como Ilha de Vera Cruz; a seguir, Terra de Vera Cruz e, mais adiante, Terra de Santa Cruz. O Brasil nascia como colônia da pátria-mãe, Portugal, que trazia consigo sólidas marcas do catolicismo. Poucos dias depois, em 26 de abril, Frei Henrique de Coimbra celebrava a primeira missa no território, da qual participaram vários nativos, que “acompanharam pacificamente a missa católica, copiando muitos dos gestos e movimentos feitos pelos portugueses”.¹ Estes reconheceram naquele ato uma abertura à fé cristã e à educação.

Passados cinquenta anos da chegada dos primeiros portugueses, “em março de 1549 chega ao Brasil Tomé de Souza com seis padres jesuítas, chefiados pelo Pe. Manoel de Nóbrega. Aqui começou o período jesuítico que foi até 1759”.²

Vindos de Portugal, esses jesuítas – membros da Companhia de Jesus, fundada em Espanha por Santo Inácio de Loyola – traziam uma pedagogia própria, que exerceu grande influência no Brasil Colônia. “Em 1572 foi impressa pela primeira vez em Portugal o manual pedagógico do ensino jesuítico, a *Ratio Studiorum (sic)*”.³ Esta instituição de Inácio de Loyola era um método de ensino que orientava a educação nos colégios jesuítas.

No Brasil os jesuítas elaboraram, tendo como base o *Ratio Studiorum*, um plano de estudos de forma

diversificada, com o objetivo de atender à diversidade de interesses e de capacidades. Começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever. Daí em diante, continua, em caráter opcional, o ensino de canto orfeônico e de música instrumental, e uma bifurcação tendo, em um dos lados, o aprendizado profissional e agrícola e, de outro, aula de gramática e viagem de estudos à Europa.⁴

¹ RAMOS, Jefferson Evandro Machado. Primeira Missa no Brasil. Disponível em: https://www.historiadobrasil.net/brasil_colonial/primeira_missa.htm. Acesso em: 11 jun. 2022.

² ARCANJO, Fernanda; HANASHIRO, Midori. *A história da Educação no Brasil*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010, p. 27.

³ Ibidem, p. 20.

⁴ RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 15.ed. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 21-22.

No mesmo ano de sua chegada, Pe. Manoel da Nóbrega fundava a primeira instituição educacional em solo brasileiro: o Colégio de Salvador da Bahia. No ano seguinte, o jesuíta Leonardo Nunes fundava o Colégio de São Vicente, no interior de São Paulo.⁵ Era apenas o início da criação de uma série de instituições de ensino em prol da educação e catequização no solo brasileiro, que se enriqueceu com a contribuição de São José de Anchieta, ardoroso missionário que buscava o progresso espiritual e cultural dos nativos brasileiros.

A fonte de toda a atividade literária de Anchieta estava no emprego da poesia, do teatro e do canto, sendo, com isso, um longínquo precursor da “literatura comprometida”.⁶ Conforme afirma Afrânio Peixoto, pelos seus versos, sua arte da língua geral, suas escolas e lições, José de Anchieta é o iniciador da literatura brasileira.⁷

Foi ele quem levou a cabo a construção da primeira gramática em tupi-guarani, a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, “monumento de inapreciável valor linguístico e filológico, glória da Companhia no Brasil”.⁸

3. A ESTATURA MORAL, INTELECTUAL E RELIGIOSA DE ANCHIETA

José de Anchieta nasceu em Tenerife, nas Ilhas Canárias, no ano de 1534. Possuía ele algum parentesco, por vias paternas, com o fundador da Companhia de Jesus, mas não foi este o fator que o levou a ingressar na recém-fundada ordem, em 1551.

Viajou em 1553 integrando o terceiro grupo de missionários enviados ao Brasil, quando ainda não dispunha do caráter sacerdotal. Numa vida intensa, mas relativamente curta – pois faleceu em 1597, aos 63 anos – mereceu receber o título de Apóstolo do

⁵ INFOPEDAGÓGICA. *As primeiras escolas no Brasil*. Disponível em: <https://www.infopedagogica.com.br/as-primarias-escolas-no-brasil>. Acesso em: 30 mai. 2022.

⁶ Cf. MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 3.ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010, v.1, p. 35.

⁷ Cf. PEIXOTO, Afrânio; ABREU, Capistrano de; MACHADO, Antônio Alcântara. *Cartas Jesuíticas*. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões de José de Anchieta. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada; Universidade de São Paulo, 1988, v.3, p. 37.

⁸ Cf. MARTINS, Wilson. Op. cit., p. 30.

Brasil. Com efeito, sua existência foi marcada pelo devotamento aos índios e aos princípios de civilização na terra em que missionou.⁹

Interessa, pois, abordar algo de sua atuação no Brasil, em especial junto aos nativos. É em tal contexto que se abordará o tema escolhido.

3.1 Vinda de Anchieta e sua atuação junto aos índios e ao Brasil

Antes de mais nada, a presença dos missionários em terras brasileiras significou um desafio, como o era aos colonizadores. Aportar em solo estranho, num clima diferente do europeu, em meio à uma cultura completamente oposta às quase milenares tradições do Velho Mundo não poderia jamais ser sinônimo de incumbência fácil. Se fosse tão-somente conquista de território, a dificuldade seria incomparavelmente menor. Mas não se tratava disso; tratava-se de construir uma civilização sobre povos incultos, catequizar gente cujo linguajar não existia em mais lugar nenhum no mundo.

Neste sentido, foi José de Anchieta um homem providencial na conversão dos nativos. Por sua inteligência fora de qualquer padrão, pôde ele redigir em menos de três anos a “Gramática da língua mais usada na costa do Brasil”. “Levada por Nóbrega [em 1556] para a Bahia, facilitou ela extraordinariamente a aprendizagem da língua geral pelos novos missionários recém-vindos da metrópole”.¹⁰

Anchieta também escreveu os “Diálogos da Fé” na língua tupi. “Além desse catecismo, escreveu mais uma ‘Instrução para o batismo’, outra para ‘assistência aos índios em perigo de morte’, e um ‘Confessionário’”.¹¹

Certamente o conhecimento da língua falada na costa do Brasil era de suma importância para a evangelização dos índios. Aprender a língua autóctone e sistematizar aquele saber adquirido, em regras e preceitos, em modo a facilitar a sua aprendizagem foi um dos primeiros esforços do irmão José de Anchieta.¹²

⁹ Cf. PEIXOTO, Afrânio; ABREU, Capistrano de; MACHADO, Antônio Alcântara. Op. cit., p. 543-562.

¹⁰ VIOTTI, Hélio Abranches; MOUTINHO, Murillo. *Anchieta nas artes*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1991, p. 24.

¹¹ Idem.

¹² BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. *As letras e a Cruz*. Tese de doutorado para a Pontifícia Universidade Gregoriana. Roma: Pontifícia Università Gregoriana, 2006, p. 28.

Mesmo doando-se aos indígenas em ensinamentos de fé e cultura, ele estava responsável pela formação dos estudantes da Companhia.¹³

Barbosa destaca ainda que outra luta travada pelo santo, em união com os demais jesuítas, era a resistência à escravidão que os colonizadores queriam impor aos nativos. Chegou-se a solicitar à coroa portuguesa um controle do trabalho indígena. “Com efeito – conclui – a conversão ao cristianismo seria um mito se não fosse fundamentada na liberdade, a qual deveria ser garantida antes mesmo da própria conversão”.¹⁴

Dessa forma o apostolado de Anchieta foi ganhando renome entre os nativos. Sainte-Foy, um dos principais biógrafos do santo, narra:

Como o concurso dos índios, levados pela curiosidade, crescia a cada dia, Anchieta se pôs a lhes explicar em sua língua os mistérios de nossa Fé, de maneira clara, com comparações ajustadas à sua psicologia, de sorte que grande número deles, convencidos pela evidência da verdade católica, pediram o Batismo.¹⁵

Ao final deste capítulo, cabe ressaltar que Anchieta é considerado o primeiro e principal tupinólogo. “Na opinião dos mestres de hoje, sua gramática é a melhor de todas as que se escreveram nos tempos coloniais e a que mais corresponde às exigências científicas modernas”.¹⁶

4. O POEMA “DE BEATA VIRGINE DEI MATRE MARIA”

Uma das obras mais notáveis de José de Anchieta elaboradas em terras brasileiras é o poema “*De Beata Virgine Dei Matre Maria*”. Antes de estudar as principais características da estrutura e conteúdo do mesmo, convém esclarecer em que contexto ele foi elaborado.

¹³ Cf. VIOTTI, Hélio Abranches; MOUTINHO, Murillo. Op. cit., p. 28.

¹⁴ BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. Op. cit., p. 33-34.

¹⁵ SAINTE-FOY, Charles. *São José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. Edição histórica comemorativa da canonização de Anchieta. São Paulo: Petrus, 2014, p. 60.

¹⁶ VIOTTI, Hélio Abranches; MOUTINHO, Murillo. Op. cit., p. 24.

4.1 Contexto em que foi composto

As costas do Rio de Janeiro e São Paulo viam-se ameaçadas pelas incursões tamoias. Os índios dessa tribo rebelaram-se juntamente com os tupis e vinham ora por terra ora por mar em massacre aos colonizadores portugueses. Assim sendo, a 18 de abril de 1563, o Pe. Manuel da Nóbrega “resolveu ir até Iperoig¹⁷ para tentar as pazes, levando Anchieta como intérprete”.¹⁸

Barbosa observa que

o principal motivo dos constantes conflitos intertribais e, posteriormente, euroindígenas, repousava na sede de vingança. [...] De fato, Anchieta observou que a vingança era a intenção primária da guerra contra os inimigos tupis e, posteriormente, a motivação essencial dos assaltos às vilas portuguesas.¹⁹

As tratativas, porém, não foram fáceis de se conquistar e os embaixadores se viram por inumeráveis vezes perto da morte. Como os acordos demorassem em obter sucesso e a capitania de São Vicente precisasse da presença de Nóbrega, este foi obrigado a voltar em junho e deixar José em companhia de Antônio Dias, com a árdua missão de apaziguar e converter à fé católica aqueles selvagens.

Sua estadia em Iperoig foi intermitida por períodos de pseudotranquilidade e graves perigos, sem contar as precariedades em matéria de saúde com que sofreu.

José de Anchieta era ainda jovem; não contava com trinta anos de idade, nem sequer fora ordenado sacerdote.²⁰ O meio em que esteve inserido durante esses três meses²¹ era o mais ofensivo ao celibato religioso: os próprios índios, quando simpatizavam com alguém, queriam dar suas filhas por esposas;²² as práticas eram de todo aversas aos ensinamentos cristãos. Quem vive a religião católica sabe como essas

¹⁷ Atual cidade de Ubatuba, em São Paulo.

¹⁸ PEIXOTO, Afrânio; ABREU, Capistrano de; MACHADO, Antônio Alcântara. Op. cit., p. 551.

¹⁹ BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. Op. cit., p. 169-170.

²⁰ A ordenação sacerdotal de São José de Anchieta ocorreu em 1566, na Bahia. (Cf. SAINTE-FOY, Charles. *Vida do venerável P. José de Anchieta da Companhia de Jesus*. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1878, p. 52.)

²¹ Cf. SAINTE-FOY, Charles. *Vida do venerável P. José de Anchieta da Companhia de Jesus*. Op. cit., p. 46.

²² Cf. ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 16.

são ocasiões próximas de pecado e motivo de queda espiritual. Até mesmo um homem virtuoso como o missionário canarino poderia resvalar em meio às tentações que surgissem.

Para socorrê-lo neste difícilíssimo impasse, invoca os favores da Virgem Maria, a quem promete solenemente um poema no qual ela ocuparia o papel principal, e que fosse uma reafirmação de pureza, prerrogativa fundamental para enfrentar o momento que vivia. Tem, assim, sua gênese o poema “*De Beata Virgine Dei Matre Maria*”, que o jovem poeta começa a escrever nas areias da praia por onde caminhava, já de ânimo totalmente modificado - grave ainda, pela nova responsabilidade que impusera a si mesmo; contemplativo, entretanto, e até arrebatado, algumas vezes, pela interferência do trabalho que executava na maneira como agora passava os dias, dividido entre as atividades políticas e as novas exigências intelectuais, uma vez que a obra lhe ocupava quase todo o tempo, fosse o da concepção, fosse o da escrita, fosse o da memorização, já que não dispunha de outro meio para reter os versos que deixava sobre as areias.²³

4.2 Aspectos do poema

O lauto trabalho de Anchieta contém características relevantes; algumas delas são ímpares na literatura mundial e histórica. É importante destacar, neste trabalho, as principais delas, que constituem o conteúdo principal do presente capítulo.

4.2.1 Extensão do poema: um milagre da memória

Nas difíceis condições materiais em que viviam os missionários, eram escassos os papéis e objetos que servissem à escrita. Cativo em Iperoig, Anchieta se via ainda mais privado deles. Dessa forma, o único que lhe restou foi escrever nas areias da praia.

O poema de 5786 versos (exatificando, são 2893 dísticos)²⁴ era composto e depois memorizado; tendo fixado, então punha-se a produzir mais versos e novamente guardá-los na memória, e assim sucessivamente.

²³ MINDLIN, Dulce Maria Viana. *O Poema à Virgem de José de Anchieta: uma biografia contemplativa*. Araraquara: Itinerários, n. 15/16, 2000, p. 246.

²⁴ Costuma-se reconhecer uma contagem um pouco menor: 5732 versos (2866 dísticos), por não se contar a dedicatória nem as petições em ordem alfabética. (Cf. ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). Op. cit., p. 26.)

Cardoso esclarece ser o fato “um prodígio de memória [...]. Se Anchieta, ao passo que compunha por dezenas de dísticos do seu poema, os fosse transladando para o papel, nada haveria nisso de extraordinário”.²⁵

Quando retornou à capitania de São Vicente, o poeta então teve a oportunidade de transcrever ao papel os quase seis mil versos que guardara “no cofre da fiel memória”.²⁶

É interessante notar também que, “para o poema ser composto no período dos quatro meses e meio que durou o exílio de Iperoig, o poeta precisava compor uma média de 45 versos por dia”,²⁷ o que é uma tarefa admirável.

O poema “*De Beata Virgine Dei Matre Maria*” é a obra latina mais extensa de José de Anchieta e principal causa de seu renome e fama na literatura.²⁸

4.2.2 Métrica

A obra de Anchieta é um poema-meditação, essencialmente lírico; nele, o autor participa da narração e dialoga com a protagonista, a Santíssima Virgem. Eis a razão pela qual ele não tomou o hexâmetro próprio às epopeias de Virgílio, mas serviu-se, isto sim, de uma composição que combinasse com o espírito de contemplação.²⁹

Por fim, no dizer de Araújo, “não se pode aplicar o estigma barroco à prática de Anchieta”,³⁰ visto que é constituída por elementos tipicamente medievais, mas medievais tardios, muito embora se inspirasse em autores renomados em sua época.

²⁵ Ibidem, p. 25.

²⁶ CAXA, Quirico; RODRIGUES, Pero; VIOTTI, Hélio Abranches (Org.). *Primeiras Biografias de José de Anchieta*. Obras completas. São Paulo: Loyola, 1988, v.13, p. 77.

²⁷ ANCHIETA, José de. CARDOSO, Armando (Dir.). Op. cit., p. 23.

²⁸ Cf. BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. Op. cit., p. 196 (nota de rodapé).

²⁹ Cf. ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo: Loyola, 1988, v.1, p. 53.

³⁰ ARAÚJO, Jorge de Souza. *Pegadas na praia: a obra de Anchieta em suas relações intertextuais*. Ilhéus: Editus, 2003, p. 10.

4.2.3 Intertextualidade

Ao longo do texto, o autor manifestou o vasto e rico conhecimento que possuía das culturas católica e pagã, transcrevendo abundantemente as respectivas literaturas em seus versos.

Virgílio e Ovídio,³¹ por serem os poetas da preferência da época – em especial dos mestres jesuítas –, “são os autores de que Anchieta guardou mais reminiscências”;³² ele manejava a língua das Elegias Ovidianas.³³

Nos tópicos abaixo, é possível destacar:³⁴

4.2.3.1 Mitologia e história cristã do Egito

No trecho da fuga da Sagrada Família ao Egito (vv. 3405-3416), Anchieta faz uma menção à mitologia daquelas terras. Escreve ele:

Não mais te chorarão, rei Osiris, a sorte: / chorar-se-á de Cristo a preciosa morte. / Menfis já cessará, ó Serapis, teu culto: / quando os pés do Senhor te calcarão o vulto. / Ao boi feio do Nilo eles rejeitarão, / no nome de Jesus, que trouxe a salvação. / Pasma emudecerá esse Anubis que late: / o velho altar do cão ruirá ao seu embate, / quando Deus enterrar, ao ladrar de seus cães, / o reino mau do inferno e os lobos seus guardiães. / Do templo Ináquio mal restarão as ruínas: / triste, Isis tombará das aras bubastinas.³⁵

Ainda sobre o mesmo período da vida de Jesus Cristo, Anchieta menciona o começo da Igreja Católica, em que muitos cristãos se dirigiram aos desertos egípcios para fazer penitência, reconhecendo ao Deus Uno e Trino.

Mas agora escondida em a noite, tu levas / o verdadeiro sol, ó clara estrela, às trevas, / para que esse que hospeda a ti, mais o teu filho / e te oferta seu lar, com afeição, no exílio, / depois esconda a ti e a teu filho em

³¹ Virgílio, poeta romano, viveu de 70 a 19 a.C. Ovídio, também poeta romano, viveu de 43 a.C. a 17 d.C.

³² ANCHIETA, José de. CARDOSO, Armando (Dir.). *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. Op. cit., p. 30.

³³ Cf. Idem.

³⁴ O presente trabalho não visa, de modo algum, ofender as crenças e vertentes religiosas de outrem. Sem embargo, optamos por manter a escrita de Anchieta, influenciada por suas convicções. A nota se presta sobretudo aos subtítulos 3.2.3.1 (Mitologia e história cristã do Egito) e 3.2.4 (Aplicação ao contexto histórico e religioso da época), em que são transcritas as diatribes de São José de Anchieta a Helvídio e Calvino.

³⁵ ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo: Loyola, 1988, v.2, p. 103.

su'alma, / quando da treva a fé erguer a fronte calma, / quando teu filho
for celebrado sem véus, / com o Espírito e o Pai, um só e mesmo Deus.³⁶

4.2.3.3 Sagradas Escrituras

Cardoso³⁷ aponta o uso dos escritos bíblicos. Em geral, os trechos da Bíblia são parafraseados e metrificados, outorgando valor literário ao poema. É possível encontrar os capítulos 8 e 31 do Livro dos Provérbios; o canto de ação de graças da Virgem Maria – *Magnificat* –, na visitação a sua prima Isabel, nos versos 1335-1385. O Salmo 113 nos versos 3853-3995, o Salmo 109 aplicado à Mãe de Deus nos versos 4973-5002,³⁸ e parte do Salmo 136 nos versos 5675-5680.³⁹ Também o capítulo 24 do Eclesiástico e quase todo o Cântico dos Cânticos. Isaías é dos profetas mais citados ao longo do poema.

Anchieta imitou por três vezes o recurso encontrado nos Salmos e em Jeremias, de fazer enunciações em ordem alfabética.

4.2.3.4 Autores sacros

Outro conjunto de questões diz respeito aos autores concernentes à religião cristã. José incrementou sua obra com Santo Ambrósio, sobre o sono de Maria (verso 863); metáforas de São Germano no trecho da Encarnação do Verbo (verso 2030); Santo Epifânio sobre a ovelha imaculada que deu à luz o Cordeiro de Deus (verso 2877). Também São Bernardo de Claraval e Gil Vicente têm muitas de suas palavras parafraseadas no corpo do poema.⁴⁰

4.2.4 Aplicação ao contexto histórico e religioso da época

Anchieta não procurou somente dissertar poeticamente sobre a vida da Virgem Maria; ele depositou em sua obra também as preocupações e indignações que permeavam-lhe o espírito.

³⁶ Ibidem, p. 101.

³⁷ Cf. ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. Op. cit., p. 28.

³⁸ Cf. ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. v.2. Op. cit., p. 203.

³⁹ Cf. Ibidem, p. 247.

⁴⁰ Cf. ANCHIETA, José de. CARDOSO, Armando (Dir.). *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. Op. cit., p. 29-30.

Um dos pontos de maior realce na época e que decerto se fixara na mente do missionário era a cisão religiosa ocasionada por Matinho Lutero, bem como as demais heresias que grassavam a Europa daquele tempo.

Novas ideologias de cunho doutrinário-religioso assestavam a Igreja Católica, redundando em que um grande número de pessoas se afastasse da moral cristã, abjurasse a soberania do Sumo Pontífice e até mesmo contestasse a ação dos sete Sacramentos (ou de alguns deles). Foi, pois, um abalo de grandes dimensões na conjuntura quinhentista.

Em meio ao poema, Anchieta solta um gemido à sua Senhora mediante as seguintes palavras:

Vês a vasta Alemanha a ruir com seus danos, / precipitada ao chão por infernais enganos. / Vês também a Inglaterra a queimar seus altares / satânica a adorar monstros de mil azares. / Vês a França, afundada em mais obscuridades, / como decai, entregue a fúteis novidades. / Erguem outras regiões seus altares nefandos, / cada terra constrói seus deuses execrandos.⁴¹

A sátira se faz presente nos versos anchietanos quando o autor, em seu poema, increpa Helvídio e João Calvino, hereges que negavam respectivamente a virgindade perpétua de Maria e seu voto de virgindade.

Contra Helvídio há trechos como: “É loucura que instila o dragão invejoso / a Helvídio o atormentado, a Helvídio o criminoso. / De coração roído e repleto de peste, / de garra envenenada, a víbora te investe”.⁴²

Já na censura supostamente dirigida a Calvino, o autor costura todo um jogo de palavras com o nome do herege, já que do latim o nome *Calvinus* parece constiui-se dos termos, *calor-oris* (calor), *vinum-i* (vinho), *calx-calcis* (cal), *calvus-a-um* (calvo).

Teu nome claramente os costumes revela, / o odor de tua vida, os documentos dela. / Quando ouço “Calvino”, aos ouvidos serenos / soa-me vinho só com o calor de Vênus. / Porque a ti sempre o vinho, ó Calvino, te aquece, / e acesa em seu calor, luxúria te enfurece. [...]

⁴¹ ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. v.2. Op. cit., p. 103.

⁴² ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. v.1. Op. cit., p. 203.

Julgo agora provir da alva cal e do vinho / o teu nome: uma e outro expõem
teu descaminho. / Branqueias-te com cal, cal de falsa piedade: / puro e
pio te crê tua comunidade. / Mas a fúria do vinho, o qual todo te inunda, /
demonstra o que se esconde em tua mente imunda.

Julgo agora que vem o teu nome de “calvo”: / pois sem alma e sem fé, em
calabrear pões alvo.⁴³

Mais à frente, ainda em atos de execração, pode-se encontrar:

Ou te escaldas enfim no calor de teus vinhos, / Calvino, ou te enfurece a
Vênus em carinhos, / ou te escondes na cal e te traís pelo vinho, / ou calvo
a todos vens calabrear bonzinho. [...]

Fala-se em grande fé, ó Calvino! Sim, cremos: / no vinho e bacanal faz
tua fé extremos! / Asseguram-te a alma esperanças certas: / sim,
cremos que arderás nas infernais fogueiras!

5. PERCEPÇÕES A RESPEITO DA OBRA

Muitos são os comentários acerca do poema “*De Beata Virgine Dei Matre Maria*”.
Alguns serão salientados para finalizar o presente trabalho em honra ao talento e
genialidade de Anchieta.

Aires de Montalbo afirma que “o [poema] “*De Beata Virgine Dei Matre Maria*” é
digno, pela sua perfeição técnica, da idade áurea da latinidade. Ovídio não o faria mais
perfeito com a terminologia do Novo Mundo”.⁴⁴

Sob outro ângulo,

o poema lembra um ABC das virtudes marianas, oscilando entre os
Cantares de Salomão, os Salmos de David, os louvores ladainheiros da
Idade Média, assacando contra os pecados dos sentidos e avocando a
paz das águas da vida. É portanto uma peça lírica/épica sujeita às
notações da alma medieval e cunhada de expressões emocionais que, no
entanto, deslocadas do original contexto, revelariam excelências de uma
lira que não se avexa de sua pulsação.⁴⁵

Em 19 de março de 1934, em discurso na Assembleia Nacional Constituinte, o
deputado Dr. Plínio Corrêa de Oliveira assim se pronunciava: “Na grandeza de suas

⁴³ Ibidem, p. 208-209.

⁴⁴ MONTALBO, Aires de. *Anchieta, poeta*. Fortaleza: [s.n.], 1967, p. 95.

⁴⁵ ARAÚJO, Jorge de Souza. Op. cit., p. 249.

virtudes e na força de seu gênio, [São José de Anchieta] parece uma bênção viva d'Aquela a quem, com tanto amor, ele cantou".⁴⁶

⁴⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A glória do Apóstolo do Novo Mundo. In: *Dr. Plínio*, ano 2, n.16, jul. 1999, p. 14.

6. CONCLUSÃO

A devoção para com Nossa Senhora é expressa de incontáveis formas na nação brasileira desde que aqui iniciou-se o processo de civilização pelos colonos portugueses e pelos primeiros missionários jesuítas, no século XVI.

Já neste começo, uma obra de arte literária foi escrita não no papel, mas na areia; antes ainda da areia, estava cravada em um coração fervoroso, mas atormentado por cruéis tentações. Era o coração do Pe. José de Anchieta, hoje reconhecido como santo na Igreja Católica e proclamado unanimemente como o Apóstolo do Brasil.

Sua devoção, seus apuros e suas expectativas impeliram-no a narrar a vida de sua Celeste Benfeitora de forma bela e poética, em latim fluente, empregando as técnicas de escrita aprendidas em sua formação intelectual e enriquecidas por genialidade ímpar e por sua indiscutível santidade.

Os recursos linguísticos e literários oferecem ao leitor reviver os sentimentos que habitavam a alma de quem redigiu uma peça, por exemplo; ensinam suave e elegantemente fatos e doutrinas; permitem, outrossim, que novas emoções floresçam no leitor. Por fim, a literatura perpetua uma quase infinidade de valores, como podemos comprovar no “Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus”.

7. REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de; CARDOSO, Armando (Dir.). *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo: Loyola, 1988, v.1.

_____. *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*. São Paulo: Loyola, 1988, v.2.

_____. *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1996.

AMORA, Antônio Soares. *Presença da Literatura Portuguesa: Era Clássica*. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974, v.2.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Pegadas na praia: a obra de Anchieta em suas relações intertextuais*. Ilhéus: Editus, 2003

ARCANJO, Fernanda; HANASHIRO, Midori. *A história da Educação no Brasil*. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

BARBOSA, Maria de Fátima Medeiros. *As letras e a Cruz*. Tese de doutorado para a Pontifícia Universidade Gregoriana. Roma: Pontifícia Università Gregoriana, 2006.

CAXA, Quirico; RODRIGUES, Pero; VIOTTI, Hélio Abranches (Org.). *Primeiras Biografias de José de Anchieta*. Obras Completas. São Paulo: Loyola, 1988, v.13.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. *Português: linguagens*. Literatura, gramática e redação. 2.ed. São Paulo: Atual, 1994, v.1.

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A glória do Apóstolo do Novo Mundo. In: *Dr. Plínio*. São Paulo, Ano 2, n.16, jul. 1999.

INFOPEDAGÓGICA. *As primeiras escolas no Brasil*. Disponível em: <https://www.infopedagogica.com.br/as-primeiras-escolas-no-brasil/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MARTINS, Wilson. *A história da inteligência brasileira*. 3. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2010, v.1.

MINDLIN, Dulce Maria Viana. *O Poema à Virgem de José de Anchieta: uma biografia contemplativa*. Araraquara: Itinerários, n. 15/16, 2000.

MONTALBO, Aires de. *Anchieta, poeta*. Fortaleza: [s.n.], 1967.

PEIXOTO, Afrânio; ABREU, Capistrano de; MACHADO, Antônio Alcântara. *Cartas Jesuíticas*. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões de José de Anchieta. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada; Universidade de São Paulo, 1988, v.3.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. Primeira Missa no Brasil. Disponível em: historiadobrasil.net/brasil_colonial/primeira_missa.htm. Acesso em: 11 jun. 2022.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 15.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SAINTE-FOY, Charles. *São José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. Edição histórica comemorativa da canonização de Anchieta. São Paulo: Petrus, 2014.

_____. *Vida do venerável P. José de Anchieta da Companhia de Jesus*. São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1878.

THOMAZ, Joaquim. *Anchieta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

VIOTTI, Hélio Abranches; MOUTINHO, Murillo. *Anchieta nas artes*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1991.

VIOTTI, Hélio Abranches. *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1980.

_____. *Cartas de Anchieta – Correspondência ativa e passiva*. São Paulo: Loyola, 1984.